

## Ciclo Básico

Coordenador: BEATRIZ ALVARENGA

Organizador: SÍLVIA P. ABRAMO

Participantes da mesa: BEATRIZ ALVARENGA, SUZANA DE SOUZA BARROS, MARCO ANTÔNIO MOREIRA, LUÍS CARLOS MENEZES.

## PARTICIPAÇÕES

### 1. Ciclo Básico e a Física

BEATRIZ ALVARENGA (ICEX-UFMG)

A discussão em *mesa redonda* dos problemas ligados ao ensino de Física nos Ciclos Básicos de nossas universidades tem sido uma constante nos três Simpósios de Ensino organizados pela SBF.

As disciplinas básicas, como a Física, por exemplo, até há alguns anos atrás, eram ministradas nas próprias unidades profissionais que delas iriam necessitar, como as Escolas de Engenharia ou as Faculdades de Filosofia. Nesta ocasião, para a maioria das escolas, o único objetivo do Ensino Básico parecia ser o de fornecer ao estudante o preparo necessário a estudos ulteriores.

O decreto-lei nº 53 de 18/11/66, estabelecendo normas para a organização das universidades federais, ordenava a transformação das Faculdades de Filosofia e a criação de unidades onde deveriam se concentrar o ensino e a pesquisa básicos de toda a Universidade, e os estudos ulteriores correspondentes.

Com o estabelecimento da lei 5.540/68 que instituía a reforma universitária, essa estrutura foi mantida, e no decreto-lei 464/69, estabelecendo normas complementares para a lei da reforma, no seu Art. 5º, encontramos;

"Nas instituições de ensino superior que mantenham diversas modalidades de habilitação, os estudos profissionais de graduação serão precedidos de um primeiro ciclo, comum a todos os cursos ou a grupos de cursos afins, com as seguintes funções:

- a) Recuperação das insuficiências evidenciadas pelo concurso vestibular na formação de alunos;
- b) Orientação para escolha da carreira;
- c) Realização de estudos básicos para os ciclos ulteriores".

Assim apareciam oficialmente novos objetivos para o Ensino Básico. Algumas escolas se apressaram a se adaptar à nova ordem, outras se negaram a aceitá-la, protelando até não mais poder a modificação e outras até hoje mantêm a antiga estrutura. Muitas discussões se travaram em torno do assunto, uns eram favoráveis à unificação, outros frontalmente contra, e hoje já há quem pense que melhor seria voltar à situação anterior à reforma universitária.

Talvez a criação apressada de novas unidades para atender a esse ensino, talvez o número excessivo de alunos a serem atendidos em estruturas não preparadas para isto, ou, talvez, mesmo porque os cursos básicos das antigas unidades já apresentassem muitos problemas, o fato é que o ensino das disciplinas básicas, entre elas a Física, tem apresentado inúmeras dificuldades, constituindo-se num tema de constantes discussões.

No 1º Simpósio, realizado em São Paulo, a mesa redonda sobre o ensino básico, coordenada pelo Prof. Goldemberg, contou com relatores de vários estados brasileiros (São Paulo: Poli, FFCL e ITA; Guanabara: PUC e UFG; Bahia; Pernambuco; Ceará; Rio Grande do Sul; Santa Catarina e Minas Gerais) que expuseram a situação do ensino neste nível, em seus Estados; já naquela época, quase todos haviam iniciado a implantação da reforma universitária.

Como se comentou na ocasião, a seção constou quase que exclusivamente da descrição do que estava acontecendo nas

diversas universidades, sem se chegar a diagnósticos da situação ou a proposições de soluções para os problemas.

No 2º Simpósio, realizado em Belo Horizonte (1973), a mesa redonda foi coordenada pelo Prof. Hamburger e fizeram-se ouvir representantes também de vários Estados (São Paulo, Rio Grande do Sul, Guanabara, Bahia, Pernambuco, Ceará e Minas Gerais). O tipo de exposição continuou praticamente o mesmo, com descrição da situação do ensino básico nas diversas universidades, podendo-se observar, entretanto, de maneira geral, uma melhoria em relação ao primeiro Simpósio: em alguns Estados, pesquisas educacionais estavam sendo feitas, novas experiências pedagógicas eram testadas e um maior número de pessoas estava se preocupando com este ensino. A novidade, então, foi a proposta do Prof. Hamburger da criação de um projeto de ensino de Física para os cursos básicos, com colaboração de algumas universidades, idéia que obteve o apoio de quase todos os presentes. Entre as moções finais do Simpósio foi recomendado que a SBF promovesse maiores discussões e desenvolvimento da idéia, através das Secretarias Estaduais, que promoveriam levantamentos diversos relativos a situações do ensino básico de Física nas universidades de cada Estado.

De lá para cá, nas reuniões anuais da SBF, em julho, tem-se discutido o assunto e se processado alguns dos levantamentos recomendados. Na última reunião de julho de 1975, foram discutidos em mesa redonda alguns destes resultados.

Muita coisa já tem sido feita, sobretudo em São Paulo, que poderá ser aproveitada para o projeto: confecção de material para os laboratórios, apostilas contendo roteiro para as experiências e outros textos relacionados com o assunto, etc. Em outras universidades como na PUC do Rio, na UFRJ, na UFRS e outras, estão sendo desenvolvidos esforços semelhantes. Em Minas temos tentado algumas experiências novas, muitas vezes aproveitando material desenvolvido no IFUSP.

Na reunião de hoje, esperamos poder obter informações

mais detalhadas sobre a realidade dos ciclos básicos de nossas universidades e discutindo o assunto termos esperança de equacionar alguns problemas, propor mudanças e definir objetivos.

A Prof<sup>a</sup> Suzana Barros, da Guanabara, propõe modificações que julga serão eficientes para melhorar a situação. O Prof. Marco Antônio Moreira, pesquisador em ensino, do Rio Grande do Sul, vai nos mostrar possíveis e efetivas inovações no ensino básico e linhas de pesquisas que podem ser seguidas. E o Prof. Luís Carlos Menezes propõe objetivos mais amplos para o ensino do ciclo básico.

Cada relator terá quinze minutos para expor suas idéias (e após a apresentação de cada um abriremos os debates, apenas para esclarecimentos, durante dez minutos). No final, após a exposição de todos os relatores, o assunto será posto em discussão, entre os relatores e o público.

## **2. Contribuição Para a Mesa Redonda Sobre Ciclo Básico**

**SUZANA DE SOUZA BARROS (IF-UFRJ)**

Um exame do ciclo básico — seu aparecimento na universidade brasileira, e o momento atual — demonstra que as expectativas da eficiência e qualidade não foram alcançadas. Entretanto, quando um grande número de indivíduos interage dentro de um novo sistema educativo, sem prévia modificação de comportamento por parte dos responsáveis pela implementação do mesmo (professores e administradores), a qualidade dos objetivos é forçosamente sacrificada. Não tentarei justificar as causas do mau desempenho dos estudantes, reflexo de uma situação geral na educação, nem atribuir ao vestibular e aos programas e metas, para os quais o vestibular é usado como catalizador, as razões básicas da situação nocivo ciclo básico (Porém, desejo atribuir a nota merecida ao sistema classificatório em vigência). Finalmente, colocarei em discussão algumas idéias que na prática podem contribuir para uma melhoria do ensino universitário.